

## Mantido em silêncio como segredo: os efeitos do racismo na constituição do sujeito negro

*Kept in silent as a secret: the effects of racism on the constitution of the black subject*

**Vanessa da Silva Rebello do Nascimento<sup>1</sup> e Carolina Neumann de Barros Falcão<sup>2</sup>**

**Resumo:** A experiência do racismo não é um acontecimento pontual, é uma experiência contínua que marca a história do sujeito negro, uma experiência traumática que implica uma memória de opressão, escravização, colonização, que segue se atualizando na contemporaneidade. No intuito de interrogar a “cegueira racial” que produz um estado de alienação, dando ênfase ao corpo negro como alvo da violência racista, em suas mais diferentes intensidades e nuances, busca-se refletir sobre os efeitos do racismo na constituição psíquica do sujeito negro atravessado pelo racismo, a relação entre o racismo e o processo de subjetivação, a importância do narcisismo primário frente à construção da identidade e da autoestima, bem como o impacto dos ideais da branquitude na constituição do sujeito negro. Por fim, propõe-se verificar as estratégias psíquicas que os sujeitos negros podem vir a lançar mão ao se defrontarem com a violência racista.

Palavras-chave: Psicanálise; Racismo; Constituição psíquica.

**Abstract:** The experience of racism is not a one-off event, but a continuous experience that marks the History of the black subject, a traumatic experience that implies memories of oppression, enslavement, colonization, which continues to update nowadays. In order to interrogate the “racial blindness” that produces a state of alienation, emphasizing the black body as the target of racist violence, in its most different intensities and nuances, this study seeks to reflect on the effects of racism on the constitution of the black subject. Therefore, we intend to examine the consequences of the black subject’s psychic constitution crossed by racism, the relationship between racism and the process of subjectivation, the importance of primary narcissism regarding the construction of identity and self-esteem, as well as the impact of the whiteness’s ideals on the constitution of the black subject. Finally, this study proposes to verify the psychic strategies that black subjects may draw upon when faced with racist violence.

Keywords: Psychoanalysis; Racism; Psychic constitution.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: [vanessa.rebello@edu.pucrs.br](mailto:vanessa.rebello@edu.pucrs.br)

<sup>2</sup> Psicanalista; Doutora em Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: [carolina.falcao@edu.pucrs.br](mailto:carolina.falcao@edu.pucrs.br)

---

## Introdução

O racismo é um fenômeno presente na cultura, nas instituições e no cotidiano das relações entre os seres humanos em diversas sociedades contemporâneas, apesar da dificuldade de os indivíduos reconhecerem-no. Considerando seu percurso e múltiplas histórias, essas devem ser estudadas observando épocas, modelos culturais e estruturas de poder das sociedades que o praticam, pois com passar dos anos, o racismo sofre uma série de modificações complexas em suas representações sociais, culturais e discursivas (Munanga, 2017).

Um longo passado de silêncio é imposto aos negros, marcado por vezes que sofreram torturas, línguas violadas, idiomas sujeitados, narrativas e acessos bloqueados (Kilomba, 2019). Mas não se deve esquecer, o racismo cotidiano abarca uma cronologia que está para além do tempo, se apresentando como uma reencenação de um passado colonial, bem como uma realidade traumática, que requer atenção. Assim, eis o momento em que muitos de nós está revelando ou prestes a revelar o que se presume ser um segredo, de acordo com a expressão oriunda da diáspora africana, “mantido em silêncio como segredo”. Segredos como a escravidão, o colonialismo, o racismo (Kilomba, 2019).

A partir dessa discussão e na busca por revelações, o presente trabalho objetiva refletir sobre os efeitos do racismo na constituição do sujeito negro. Para tanto, torna-se fundamental compreender os desdobramentos da constituição psíquica do sujeito negro atravessado pelo racismo, verificar a relação entre o racismo e subjetivação do sujeito negro, identificar os impactos dos ideais da branquitude na constituição do sujeito negro, examinar a importância do narcisismo primário frente à construção da identidade e da autoestima do sujeito negro e analisar os efeitos da violência sofrida pelo sujeito negro frente seu processo de subjetivação.

## Método

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e transversal, caracterizando uma revisão narrativa da literatura (Gil, 2018; Hulley, 2015; Rother, 2007; Sampieri et al., 2013). A coleta de dados se deu por meio da busca de materiais científicos de autores cuja produção é notoriamente reconhecida sobre a subjetividade negra, bem como em bases de dados científicas a partir dos descritores “Psicanálise”, “Racismo”, “Constituição psíquica”.

## A violência que aprisiona

Ao pensar a negritude e a branquitude como políticas identitárias, esses operadores se enfrentam em posições distintas no laço social. Para Schucman (2012), a branquitude se caracteriza por configurar laços materiais, simbólicos e imaginários grifados por hierarquias de poder, privilégios, discriminações, silenciamentos e segregações sociais e econômicas em relação aos “não negros”. Em contrapartida, como traz a autora, a negritude pode ser entendida como a luta no enfrentamento do racismo presente pela retomada e asseguramento de suas raízes étnicas e culturais fragmentada pela diáspora escravagista; luta por lugares de fala que vão inscrevendo novas possibilidades discursivas e poder de decisão na esfera social.

Neste sentido, considera-se que a esfera social, que remete às produções discursivas e relações de poder, reverbera no registro da subjetividade, como bem destacam Guatarri e Rolnik (1986/1996), subjetividade como modos

de subjetivação, maneiras de viver, formas de existir, que são formadas intermediadas pelo coletivo, pela instituição e pelo social. Dessa forma, precisa-se estar atento para a recusa teórica da noção sociológica de indivíduo como sede de uma concepção de psiquismo que não leva em consideração a incidência da “normativa” na formação do campo social e político nas relações raciais. Devendo-se estar ainda mais atento diante da circulação naturalizada da produção discursiva, que ridiculariza e estigmatiza o sujeito negro como subalterno. Em princípio, essa ridicularização se dá pelos seus traços físicos, que no conjunto — referências pejorativas, xingamentos — procuram construir a figura do negro como um ser inexistente que, para Dias e Canavêz (2022), não é em vão, já que tem por objetivo reduzir a subjetividade ao corpo biológico. Corpo negro que é alvo da violência racista, em suas mais diferentes intensidades e nuances.

Assim, pontuar a violência racista do branco sofrida pelo sujeito negro parece o ponto de partida para pensar a condição do negro. Ser negro, como bem lembra Costa (1986, p. 104), “é ser violentado de forma constante, continua e cruel, sem pausa e sem repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco”. É continua o autor, “a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (p. 104). Através da norma “psico-sócio-somática” engendrada pela classe branca, a violência racista se impõe cotidianamente ao negro (Nogueira, 2021).

Partindo da cultura, em que o corpo funciona como marca dos valores sociais, bem como capturado por ela, o negro pode acabar travando uma luta que parece não ter fim em ser reconhecido como indivíduo. Conforme sustenta Fanon (1952/2020, p. 227), “o homem só é humano na medida em que busca se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido por ele”. Todavia, Nogueira (2021) sustenta que o corpo do sujeito negro, socialmente entendido como excesso, pode também acabar significando a marca da exclusão dos direitos morais e intelectuais pertencentes ao branco. Em uma cultura que atribui ao negro uma natureza que é da ordem do inaceitável, uma das possibilidades é que esses operadores sejam introjetados pelo negro, produzindo configurações psíquicas particulares, como a recusa de sua própria imagem, assim como o fantasma da inferioridade de que seu corpo é, socialmente, o selo que marca essa condição.

Em tal perspectiva, para afirmar-se ou negar-se como sujeito, uma das possibilidades para o negro é tomar o branco como referencial, já que sua espontaneidade lhe é um direito negado. Nessa direção, Souza (1983) propõe que é a autoridade estética branca quem define o belo e o feio na sociedade classista brasileira, em que o poder e as decisões circulam preponderantemente pelos brancos. Já Nogueira (2021), sustenta que afetado pelos estereótipos sociais que o constituem à margem da sociedade, na subcultura e na pobreza, o negro pode se ver atraído pelos lugares de poder, de *status*, de segurança, de cultura e beleza reservados ao branco. Como efeito, segundo ela, a construção da identidade para o negro pode sim estar atrelada à frustração; desse modo, uma sociedade branca e escravocrata coloca o negro como centralizador dos fantasmas e das perversidades dessa. Mas mais que isso, a autora entende que esse funcionamento social constrói representações dos horrores internos presentificados no corpo negro, e que se exemplifica através da sexualidade, que ora é colocada na dimensão da violência selvagem, como estupro, ora na dimensão do gozo invejado, como na potência sexual do homem negro ou na hipersexualização da mulher negra. Essas imagens sociais em que o negro não está imune, afirma ela, têm por efeito confundir e perturbar o sujeito que, na tentativa de não ser a “marca do mal”, pode vir a aderir os valores do branco, acabando por negar suas características étnicas, ou seja, seu próprio corpo.

---

Diante desse cenário, Nogueira (2021) ainda destaca que a violência racial e seus múltiplos impactos, atrelada aos ideais da cultura ditados pelo branco, fomenta uma construção de identidade em que o negro pode vir a desenvolver um “horror” ao se identificar com seus pares de cor. Processo impiedoso, desumano, carregado de dor e de violência sobre os corpos negros que se atualiza na contemporaneidade. Contudo, segundo a autora, o negro do nosso tempo, pode ser consciente de sua condição e das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não está dado, muito menos torna-o protegido de ser atacado pelas marcas que o racismo inscreveu em sua psiquê.

### **A mancha que não sai da pele**

Considerando “que o Eu se constitui num campo intersubjetivo, e que é o conjunto de desejos, comportamentos e discurso dos objetos constitutivos que engendra uma série de enunciados identificatórios” (Hornstein, 1989, p. 201), destaca-se, desde já, a importância dos enunciados que partem dos cuidadores e que constituem o narcisismo primário. Assim, valendo-se da provocação articulada por Ayouch (2014) em relação ao gênero, resta também oportuno problematizar as mensagens advindas dos enunciados dos cuidadores no que tange à raça. Ou seja, o lugar que a raça está, mesmo que seja inconsciente, para cada indivíduo. O autor destaca ainda que, o adulto ao atribuir uma raça a uma criança, nomeando a sua pertença quando diz “você é negra”, através de uma “enxurrada” de mensagens estabelecidas anteriormente pelo social, por vezes, pode produzir mensagens ambíguas, carregadas não só do que o adulto pensa sobre raça, mas suas dúvidas, ambivalências, incertezas e conflitos inconscientes; e para além, transmitir uma leitura do mundo, uma reprodução da norma, em que a criança precisa simbolizar esses enigmas e encontrar um recurso para traduzir essas mensagens plurais em relação à raça.

Ainda sobre o narcisismo primário, sabe-se que é um tempo que se constrói aquisições que vão ser fundamentais ao longo da vida do sujeito, mesmo que tensionadas em certos momentos. Neste sentido, uma construção identitária, uma capacidade de fazer investimentos por conta própria, bem como uma construção da autoestima, são conquistas fundamentais desse tempo. E tomando a importância dessa tríade, é cabível indagarmos como se dá o “valor de si” pelo sujeito negro. Como se dá sua autoestima. De acordo com Hornstein (2009, p. 49), “o sentimento de autoestima é um resíduo do narcisismo infantil e das realizações conformes ao ideal. Um composto apoiado em maior ou menor grau pelas relações objetais e suas repercussões narcísicas”. Por isso, não se deve perder de vista que o registro identitário e o registro dos ideais sustentam o “valor de si”, que por sua vez, regula a capacidade do sujeito de fazer investimentos. Logo, reconhece-se o quão complexa é a tarefa de responder como os enunciados enigmáticos e os ideais de uma cultura transmitem a violência racista, bem como impactam e engendram o “valor de si” do sujeito negro.

Segundo Souza (1983), torna-se fundamental o entendimento de que há uma instância primária vivida pelo indivíduo, regida pelo signo da onipotência e marcada pelo registro do imaginário, nomeada de Ego ideal. Assim, segundo a autora, para que o indivíduo possa se constituir torna-se necessário um modelo ideal, perfeito ou quase. Um modelo no qual se recupere o narcisismo original perdido, seja pelas identificações com os objetos primários, com os substitutos ou com os ideais coletivos (Laplanche, 2001). E esse modelo denomina-se ideal do Ego, cuja importância dessa instância está atrelada à regulação das relações do narcisismo, das defesas, dos destinos pulsionais,

além de ser considerado operador do recalque e sustentador da sublimação. Sendo que este último processo “tem a ver com a realização de atividades que sejam consideradas pelo próprio sujeito como valiosas, de acordo com o seu ideal” (Hornstein, 1989, p. 181). Mas não só atividades valorizadas narcisicamente pelo sujeito, como também atividades que supõe o prazer pela produção de novas transformações, ou seja, na criação do sujeito na cultura.

Assim, conforme Costa (1986), o ideal do Ego negro pode vir a contrariar aquilo que, em linguagem psicanalítica, denominam-se regras de identificações normativas ou estruturantes. Essas regras permitem ao sujeito ultrapassar a fase inicial do desenvolvimento psíquico em que o perfil de sua identidade é engendrado pela perspectiva do olhar e do desejo do agente que ocupa a função de cuidador, bem como pela perspectiva da imagem corporal produzida pelo imaturo aparelho perceptivo da criança. A essa fase inaugural da construção da identidade do sujeito, podemos denominar de narcísica, imaginária ou onipotente. Ainda, destaca o autor, que ao acompanhar o desenvolvimento biológico da criança, resta possível ao sujeito infantil o acesso à ordem da cultura, pela presença do terceiro, seguido da presença dos pares, deixando de ser o cuidador primário a única referência e definição de sua identidade. Essas mediações, para ele, são formadas através de imagens e palavras, representações e afetos que circulam pela criança e pelos adultos, tendo por função ideal favorecer o surgimento de uma identidade do sujeito harmoniosa com os outros e com o mundo. Sendo assim, o ideal do Ego seria o produto destas experiências, no intercâmbio das relações constitutivas e sociais, em que se funda a identidade do sujeito, coexistindo um investimento erótico do seu próprio corpo e do pensamento (Nogueira, 2021).

Contudo, essa possibilidade pode não ser oportunizada ao sujeito negro. Costa (1986) toma por hipótese que o modelo de identificação normativo estruturante com o qual o sujeito negro se defronta é o de um “fetiche do branco”. Ainda, sustenta o autor que o fetiche funciona como algo pré-estabelecido, em que se fundamenta a ideologia racial no qual a brancura trata-se do sujeito universal e essencial, e o sujeito negro, um atributo duvidoso e particular. E complementa, hipnotizado pelo fetiche do branco, e por melhor dizer, vítimas dos efeitos dessa alienação, para o negro pouco importa o que o branco venha fazer, sentir ou pensar, pois a condenação de tudo que vá contra o mito da brancura é o que prevalece. Nada pode abalar essa brancura internalizada na consciência negra como representante de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, beleza, bondade, justiça, verdades. Indiscutivelmente, o sujeito branco está atrelado à cultura, à civilização, à humanidade. Consequentemente, como destaca o autor, todo o ideal identificatório do negro direciona-se num ideal de retorno ao passado, em que ele sustenta a hipótese que poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, em que seu corpo e identidade negros deverão desaparecer.

Corroborando com o pensamento acima, Souza (1983) defende que o narcisismo e o ideal do Ego são forças estruturantes do psiquismo que desempenham papel fundamental na produção do sujeito como sujeitoado, identificado e assimilado. E que realizar o ideal do Ego é uma exigência difícil de ser burlada pelo Superego que vai impor ao Ego. Não obstante, acrescenta ainda a autora, que na construção do ideal do Ego branco, a primeira exigência que o negro se impõe tende a ser a negação, a eliminação de qualquer “mancha negra”. Desse modo, Slavutzky (2021, p. 21) questiona: “se o que constitui o sujeito negro é o olhar do outro, como fica o negro ao se confrontar com o olhar do outro que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz como significante?”. Bem, segundo a própria autora, resta ao negro o desejo

---

de recusar esse significant, que traduz o que ele tenta negar, negando-se a si mesmo através do próprio corpo.

Em vista disso, cabe pensar a singularidade que a experiência do espelho pode advir para a criança negra. Experiência que pode envolver fascínio e repulsa à imagem que o espelho virtualmente oferece. Nesse sentido, Nogueira (2021) sugere que a assunção jubilatória de que falava Lacan está atrelada a um processo suplementar que perpassa a negação primária do semblante que a imagem de si que não está de acordo à imagem do desejo do cuidador primário. A criança conclui que aquela imagem é ela. Contudo, não se reconhece a partir do desejo da figura constitutiva, se vendo inconscientemente mobilizada à procura nessa imagem o que a reconciliaria com o desejo desta figura primária. Mais uma vez, sustenta a autora que o cuidador negro ama seu bebê, mas nega, ao mesmo tempo, o que a pele negra representa, simbolicamente. Destaca a autora que essa dualidade conturbada marca a experiência do espelho na criança negra, produzindo um mecanismo complexo de identificação/não identificação, que reproduz para o infante negro as experiências do adulto negro atravessada deste, então, pelo ideal da brançura; assim, para que a criança negra se reconcilie com a imagem do desejo do cuidador narcisizante, que é o ideal da brançura, a mesma necessita negar alguma coisa em si.

Nogueira (2021) propõe, ainda, que na dinâmica do romance familiar, em que todo indivíduo diante do processo psíquico de construção da dimensão subjetiva vivencia um afastamento em relação aos objetos primários, para o sujeito infantil negro esse processo pode ser marcado pelos sentidos associados à pele negra. O movimento de desqualificação dos objetos constitutivos que o romance familiar envolve, explica a autora, pode vir a tornar-se aparente para a criança negra a emergência do ideal da brançura, já presente nas próprias figuras estruturantes desde o início da experiência primordial da produção de sua singularidade. Dessa forma, afirma a autora, ao considerar que a brançura representa tanto para negros, quanto para brancos, a condição de mais perfeito do que é próprio do estado do negro, a criança negra pode acabar por ser confrontada desde sempre com figuras narcisizantes marcada por uma autoridade de perfeição diminuída, cujos cuidadores são vistos fragilizados pelo desejo inacessível da brançura.

Justifica também a sobredita autora que no momento inicial, antes ao distanciamento que o romance familiar fomenta, a criança pode vir a buscar a identificação ilimitada. No entanto, para a criança negra a identificação está atrelada à fragilização que afeta os cuidadores negros, não apenas pela falta de saber e poder associados à brançura, mas pelo medo e pela desconfiança que as experiências de discriminação também os afetaram. Ainda destaca que, ao atingir uma certa consciência da categoria social que estão inseridos as figuras primárias, a criança negra não apenas se depara com a comparação, mas com a vergonha em relação ao que os cuidadores negros representam, bem como os responsabiliza por serem a razão de uma enorme infelicidade que a atravessa: possuir um corpo negro. Sendo assim, para a autora, uma maneira de se pensar é que o mito da brançura advém dessa experiência em que a capacidade de perceber os fatos e personagens reais é notável; e a partir das representações da brançura enquanto mito, é que as mesmas produzem um caráter decisivo no comportamento da criança negra, que perpassam desde a fantasia de substituir os cuidadores negros por brancos, até a instauração da inveja do branco, como aquele possuidor de algo que lhe falta, ou seja, a brançura.

Outro ponto que merece destaque refere-se às experiências fundadoras vivenciadas pelo sujeito de frustração, privação e castração, como movimentos constitutivos do processo edípico e estruturantes. Nogueira (2021) demarca que as vivências psíquicas associadas à condição de negro são experimentadas sob a figura da privação; ou seja, além de se deparar com inúmeras experiências de confronto com a falta, como qualquer sujeito vivencia, o negro carrega consigo a experiência de viver sua condição de negro como falta — falta da brançura. Nessa perspectiva, a autora salienta que a existência do negro parte da noção de “não ser branco”, de “ser negro é não ser branco” e “ser branco” é carregado por tudo que possa significar essa condição, logo, entende-se que o objeto de desejo é aquilo que falta; e considerando que o desejo se sustenta a partir do desejo do outro, torna-se tarefa do negro manter o desejo da figura primária, o desejo da brançura.

Se faz pertinente também dar ênfase à problemática debatida por Paim Filho (2021) em como pensar as especificidades da família edípica negra, tendo por mediadora a ordem cultural afro-brasileira. O autor argui que essa ordem cultural, conforme narrada, sustenta um racismo disfarçado por um convívio harmônico entre brancos e negros, facilitada por uma renegação coletiva, que permeada pelo tanático, impede a escuta de um trauma, persistindo no racismo atualizado no dia a dia. Diante disso, presume-se um efeito traumático por adição, uma memória sem cor, que introduz uma dupla complexidade nos primórdios da constelação edípica do negro. A primeira complexidade constatada, sustenta o autor, refere-se a uma cisão precoce que demarca a renegação. E a segunda, atribui-se a um derivado dessa, que em suas origens o Eu ideal traz consigo um ideal magnetizado por algo que soa estranho quase em absoluto: “Sua Majestade, o Bebê” (Freud, 1914/2010), que é um bebê de propaganda “Johnson”, caracterizado branco, loiro e de olhos azuis (Paim Filho, 2021).

Paim Filho (2021) ainda provoca quando questiona se o Eu ideal teria cor e se essa cor seria o branco. E vai mais longe, indaga qual o destino de nosso ideal do Eu, caso essa afirmação fosse confirmada. Em resposta, o próprio autor (2014) destaca que o narcisismo primário, com seu Eu ideal, está comprometido com a gênese do complexo de Édipo, sendo o momento de apreciação dos desejos parentais, que engendram as identificações primárias. Contudo, ele traz que os desejos parentais estão engolfados em uma história como sujeitos pertencentes a uma coletividade, em que seus ideais se atrelam a inscrições psíquicas advindas de um corpo e de uma alma brancos. Assim, destaca que, ao sofrer, em alguma medida, a renegação e a cisão, o bebê negro assegura a inscrição e a essência de sua negritude nas profundezas da alma, não como representação, mas como impressões e traços. O vestígio de uma pré-história que sofre da ausência de história, que acaba por ser o irrepresentável, segue como ferida narcísica aberta, que sangra e não cura.

### **Estratégias para sobreviver frente ao racismo**

De acordo com Kilomba (2019), ao se confrontar com o processo de conscientização da violência racista, o sujeito negro pode vir acionar mecanismos como a negação, a frustração e a ambivalência com o intuito de proteger o Ego. Sendo que a negação tem por função proteger o sujeito negro da ansiedade que algumas informações podem causar quando confirmadas ao consciente. Já a frustração, conforme o autor, diz respeito à falta de oportunidades suficientes para a satisfação, seguida da agressão, da ansiedade, da defesa e da inibição. Logo depois, se fazem presentes sentimentos ambivalentes diante do sujeito branco.

---

Seguindo esse raciocínio, outro ponto que carece atenção refere-se as estratégias que o pensamento do sujeito negro pode vir a criar diante da crueldade do racismo, a fim de se afastar da realidade do corpo e da identidade negra. Costa (1986) expõe que um dos caminhos possíveis na luta contra a negritude, na defesa inconsciente do ideal branco, está em alterar a situação biológica do corpo através de procedimentos de “correção física”, deixando o negro contaminar-se pela ilusão de poder alterar a genética, mediante intervenções. Os esforços para curar a ferida traumática podem se desdobrar em uma série de ações dolorosas, buscando metamorfosear o corpo com, por exemplo, a utilização de “pregadores de roupa”, objetivando afinar o nariz; com a utilização de “produtos químicos” para alisar o cabelo, entre outros. Transpondo essa etapa, o autor ainda afirma que o sujeito negro pode não tentar mais utilizar de artefatos mecânicos aplicados à superfície corporal, mas contentar-se em abdicar do estereótipo negro em favor do branco, que acredita ser supremo.

Além disso, argumenta o referido autor que o pensamento do negro pode viver uma conflitiva de afirmar e negar a presença da negritude; e que ao se sujeitar ao código do comportamento branco, abre-se espaço para realizar a figura racista criada pelo mito da democracia racial, a do “negro de alma branca”. Porém, a negativa da identidade — a que se livra o pensamento — não suprime a realidade da percepção. Segundo o autor, por não se dobrar completamente às repercussões da dor, o sujeito negro vem a interpretar a realidade corpórea de forma totalmente fantasiada, alterando as zonas de suas organizações ou certos momentos de funcionamento.

Es as estratégias que o sujeito negro lança mão com o intuito de sobreviver frente a violência racista não param por aí. Mas precisa-se ter cautela, pois dispor de estratégias não significa processos saudáveis. Por conseguinte, Souza (1983) refere que na esperança de ser aceito, o sujeito negro abre espaço para engolfar-se na fantasia de “ser o melhor”; contudo “ser o melhor” não lhe assegura o êxito, pois o ideal do Ego do negro é em grande parte originário dos ideais da branquitude. E como ser branco não é lhe possível, o negro pode dispor de duas alternativas: se render às vontades do Superego ou lutar, a fim de buscar novas saídas, como afirma a autora. Se sucumbir às punições do Superego, o sujeito pode vir a experimentar a melancolia revestida em várias facetas como: sentimento de perda de autoestima, culpa, inferioridade, insegurança e angústia, que perturbam os indivíduos de quem o Ego que se desgraçou frente ao Superego. Experiências de autodesvalorização e conformismo, timidez, retraimento, ansiedade fóbica, submissão são possibilidades de serem vividas por sujeitos negros que se sentem humilhados, intimidados e decepcionados consigo mesmos por não deterem um ideal realizável pelo Ego. Um exemplo de punição superegóica que pode ser experienciada como castigo pelo sujeito negro é a depressão.

Sobre esse panorama, cabe, ainda, trazer para a discussão a temática do suicídio ligado ao impacto do racismo e do isolamento. Conforme assevera Kilomba (2019), abre-se espaço para pensar o suicídio como a visualização, a performance da condição do sujeito negro inserido em uma sociedade branca em que este é considerado invisível. Ademais, a autora sustenta que o suicídio pode também surgir como um ato de tornar-se sujeito; a escolha por não viver sob condições dos ideais da branquitude pode ser considerada uma performance final de reivindicação de subjetividade pelo sujeito negro.

Todavia, outras alternativas podem vir a surgir, como a luta para encontrar novos caminhos. Essa luta pode se empenhar na busca do objeto “amoroso”, em que uma das possibilidades é pensar que o “encontro amoroso”, com um parceiro branco, seria o substituto do ideal irrealizável, em virtude das características do objeto (Souza, 1983). Nessa senda, Costa (1986) também problematiza que podem se fazer presentes tentativas de aniquilamento no futuro do corpo negro a partir das uniões sexuais com o branco e a procriação do filho mulato e, posteriormente, um neto talvez branco, que podem vir a representar uma vingança, suicida e homicida, que ataca um corpo e uma raça, que tem por meta recusar um ideal branco defendido pelo sujeito negro.

O negro que escolhe o branco como ideal do Ego, diz Souza (1983), tece em si mesmo uma ferida narcísica, grave, que arrasa. Mas, conforme o autor, não há só esse caminho; o negro pode sim construir um outro ideal do Ego que esculpe um “rosto próprio”, que personifique seus valores e interesses, atrelado a sua história, como por meio da militância política. Militância que, segundo Schucman (2018), pode ser experienciada através da luta antirracista, pela participação em movimentos sociais negros, pela inscrição de signos e símbolos da negritude no corpo, como também pela busca da estética negra. Aqui, retoma-se Kilomba (2019) no que diz respeito à sequência de mecanismos de defesa do Ego que o sujeito negro possa vir a realizar no processo de conscientização da violência racista e da negritude. Segundo a autora, passada as etapas de negação, frustração e ambivalência, pode-se vir a pensar também em um processo restaurativo como a identificação e a descolonização; em que o sujeito negro inicia uma série de identificações com outras pessoas negras, possibilitando uma segurança interior e de autorreconhecimento. Tal movimento, consoante a autora, abre uma via para reparação e abertura em relação aos “outros” brancos, considerando que o sujeito negro, internamente, está fora da ordem colonial. Todo o processo abrange um estado de descolonização, em que existe o Eu.

E neste ponto, em que se traz a dimensão restaurativa, cabe reaver a temática da sublimação, pois a partir dela é possível um processo de transformação. Em outros termos, o sujeito negro ao vivenciar um processo restaurativo com as vias identificatórias e um processo que seja de uma nova posição em relação à colonialidade percorre em psicanálise pelo caminho do devir, que perpassa necessariamente pela sublimação. E por isso, o ideal do Eu recebe tamanha importância como organizador do aparelho psíquico, bem como operador do recalque e sustentador da sublimação. Além disso, torna-se crucial inscrever novos ideais, através das representatividades, da militância política, da literatura negra, em que personagens e autores(as) negros(as) resgatam uma história de dignidade, tensionando e rompendo com o racismo enraizado, dentre outros, para haver produção de novas transformações. Desse modo, entende-se que há saídas possíveis e mais saudáveis em que um sujeito negro pode se reposicionar em relação à negritude, e este movimento, reestrutura também o “valor de si”, inclusive criando possibilidades de fazer novos investimentos.

Nessa esteira, para Souza (1983), o negro brasileiro que conquista algum prestígio social não nega uma possível identidade negra, mesmo que ele não possua uma identidade positiva, a qual possa assegurar ou abdicar. No Brasil, o fato de ser negro e partilhar uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza de pronto uma identidade negra. Com isso, a autora deixa consignado o que segue:

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (Souza, 1983, p. 77).

### Considerações finais

Construir uma identidade negra é uma tarefa eminentemente política que exige constatar os modelos advindos das figuras parentais, atravessados pela cultura e pela condição sociológica de cada indivíduo, como também romper com certos modelos. A construção de uma nova identidade aponta traços específicos que permitem transformar a história de forma singular, coletiva, socialmente e psiquicamente. Todavia, estudar a própria marginalidade, a subalternidade, é urgente, a fim de possibilitar o devir como um novo sujeito. Mas não só isso. O branco, que se constitui como “elemento neutro” da humanidade, também tem de se haver com sua branquitude e examinar seus privilégios.

No Brasil, timidamente se discute a violência racista. E em virtude dessa resistência, restam muitas dúvidas se no contexto da psicanálise, pegando emprestado a provocação do título do livro de Spivak (2010), “pode o subalterno falar?”, promove-se “espaço” para essa escuta, e ao promover “espaço”, escuta-se de fato o “terror” dos desmentidos sociais; ou reproduz-se uma nova violência, ou melhor dizendo, reatualiza-se um trauma. Sendo assim, torna-se fundamental que na clínica em que estamos inseridos, e em todas as possibilidades de escuta, estejam inclusas as marcas sociais. Além disso, é urgente, que a psicanálise brasileira, em seu fazer clínico, não despreze a realidade histórico-social de nosso país e leve em conta a consequência do racismo na construção das subjetividades. Mas para isso, a psicanálise precisará se deparar com a sua própria contemporaneidade, tensionar suas fronteiras a partir de outros saberes, como bem traz Ayouch (2019) quando discorre sobre a hibridização, a fim de mudar este discurso político de colonização, se libertando do encarceramento da sua própria verdade e se abrindo para outros discursos. E os analistas, por consequência, terão que se racializar, bem como analisar os discursos pelos quais estão alienados.

### Referências

- Ayouch, T. (2014). A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 58-70. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S-0486-641X2014000400006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-0486-641X2014000400006)
- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie.
- Costa, J. F. (1986). *Violência e Psicanálise* (2ª ed.). Edições Graal.
- Dias, L. & Canavêz, F. (2022). Racismo e ascensão social do negro na democracia brasileira. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 16(1), e32542. <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32542>

- Fanon, F. (1952/2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora.
- Freud, S. (1914/2010). *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras.
- Gil, A. C. (2018). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (6ª ed.). Atlas.
- Guatarri, F., & Rolnik, S. (1986/1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (4ª ed.). Vozes.
- Hornstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. Editora Escuta.
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo. Autonomia, identidade, alteridade*. Via Lettera.
- Hulley, S. B., Cummings, S. R., Browner, W. S., Grady, D. G., & Newman, T. B. (2015). *Delineando a pesquisa clínica* (4ª ed.). Artmed.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis* (4ª ed.). Martins Fontes.
- Munanga, K. (2017). Ambiguidades do racismo à brasileira. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (1ª ed., 33-44). Perspectiva.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* (1ª ed.). Perspectiva.
- Paim Filho, I. A. (2014). Totem e tabu: um proêmio ao narcisismo. In *Para uma introdução ao narcisismo: reflexo e reflexões* (pp. 237-252). CEPdePA.
- Paim Filho, I. A. (2021). *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Artes & Secos.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://www.scielo.br/j/apel/i/2007.v20n2/>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (5ª ed.). Penso.
- Schucman, L. V. (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schucman, L. V. (2018). *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. EDUFBA.
- Slavutzky, A. (2021). Apresentação. In I. S. Nogueira (Ed.). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* (1ª ed., pp. 17-22). Perspectiva.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Edições Graal.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG.